



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão forma a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito	
Monique de Oliveira Serra	
Michelle de Sousa Bahury	
Luciano Torres Tricário	
DOI 10.22533/at.ed.7811905061	
CAPÍTULO 2	13
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa	
Rosilene Alves de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7811905062	
CAPÍTULO 3	28
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar	
Priscila Francisco da Silva	
Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
DOI 10.22533/at.ed.7811905063	
CAPÍTULO 4	36
NORMALIDADE E ANORMALIDADE	
DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior	
Jéssica Gontijo Nunes	
Juliane Hirosse Malizia	
Mariana Araújo Bichuete Cavalcante	
Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.7811905064	
CAPÍTULO 5	52
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
DOI 10.22533/at.ed.7811905065	
CAPÍTULO 6	69
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.7811905066	

CAPÍTULO 7	85
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio	
Márcia Sepúlveda do Vale	
Roberto Lima Sales	
DOI 10.22533/at.ed.7811905067	
CAPÍTULO 8	95
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling	
Riscieli Dallagnol	
DOI 10.22533/at.ed.7811905068	
CAPÍTULO 9	104
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.7811905069	
CAPÍTULO 10	115
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda	
Gabriel Bonatto Roani	
Wânia Cristiane Beloni	
DOI 10.22533/at.ed.78119050610	
CAPÍTULO 11	125
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino	
Janaína Pereira Pretto Carlesso	
DOI 10.22533/at.ed.78119050611	
CAPÍTULO 12	132
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.78119050612	
CAPÍTULO 13	147
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves	
Marta Marte Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.78119050613	
CAPÍTULO 14	155
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.78119050614	

CAPÍTULO 15	164
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
Caroline Mitidieri Selvero	
DOI 10.22533/at.ed.78119050615	
CAPÍTULO 16	175
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
Luana Inês Alves Santos	
Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.78119050616	
CAPÍTULO 17	181
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
Neide A. Silva Gomes	
Rosemyriam Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.78119050617	
CAPÍTULO 18	195
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
Maria Andreia Lopes da Silva	
Marilza Nunes de A. Nascimento	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050618	
CAPÍTULO 19	205
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENDIDO	
Valdenides Cabral de Araújo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050619	
CAPÍTULO 20	218
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
Elizabeth Pereira Barbosa	
Luciana Freitas de Oliveira Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050620	
CAPÍTULO 21	230
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050621	
CAPÍTULO 22	243
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
Luiza Bäumer Mendes	
Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.78119050622	

CAPÍTULO 23	249
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti Christiano Piccioni Toralles Raquel Andrade Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050623	
CAPÍTULO 24	262
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
DOI 10.22533/at.ed.78119050624	
CAPÍTULO 25	274
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.78119050625	
CAPÍTULO 26	290
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78119050626	
CAPÍTULO 27	305
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa Victória Botelho Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78119050627	
CAPÍTULO 28	310
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo Ana Amélia Furtado de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050628	
CAPÍTULO 29	326
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050629	
CAPÍTULO 30	342
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho Daniella Brito Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.78119050630	

CAPÍTULO 31	352
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
CAPÍTULO 32	361
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
CAPÍTULO 33	376
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
CAPÍTULO 34	384
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida Esther Dutra Ferreira Joane Marieli Pereira Caetano Laís Teixeira Lima Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
CAPÍTULO 35	397
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
CAPÍTULO 36	413
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
CAPÍTULO 37	422
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

CAPÍTULO 38	437
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Mirely Christina Dimbarre	
DOI 10.22533/at.ed.78119050638	
CAPÍTULO 39	449
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
Luciana Specht	
DOI 10.22533/at.ed.78119050639	
CAPÍTULO 40	459
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
Raquel Souza de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.78119050640	
CAPÍTULO 41	468
A CULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Joseane da Silva Miller Rodrigues	
Eliane Aparecida Galvão dos Santos	
Fernanda Figueira Marquezan	
DOI 10.22533/at.ed.78119050641	
CAPÍTULO 42	476
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
Michelle Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050642	
SOBRE O ORGANIZADOR	490

O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA

Priscilla Cruz Delfino

Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação – Campus X Teixeira de Freitas - Bahia

RESUMO: Esta pesquisa busca analisar o conto *A Igreja do Diabo* (1884), de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso, a fim de identificar os processos linguísticos presentes na obra, na qual se manifestam propriedades do discurso. Analisando por meio dos discursos presentes na obra as relações de intertextualidade entre a obra machadiana e bíblia. Ao examinar o conto, nos alicerçaremos na definição de Discurso Religioso sob a ótica de Eni Orlandi em sua obra *A Análise do Discurso* (1999) e na obra, *Linguagem e seu Funcionamento: As formas do discurso* (1983). Verificando então, como se estabelece o diálogo entre bíblia e literatura organizada dentro da obra.

PALAVRAS CHAVE: Machado de Assis; Intertextualidade; Bíblia; Discurso; Discurso Religioso.

ABSTRACT: This research pretend analyzing the tale *A Igreja do Diabo* (1884), of Machado de Assis under the bias of religious discourse, with the purpose to identify the linguistics process present in the title, in which manifests

itself in discourse propriety. Analyzing through of the present discourses in this book the relations of intertextuality between the literary work of Machado de Assis and the bible. When examining the tale, pretended consolidate in the definition of religious discourse from the perspective of Eni Orlandi in your book *A Análise do Discurso* (1999) and in the book, *Linguagem e seu Funcionamento: As formas do discurso* (1983). Being verified, when is established the dialogue between bible and literature organized in this composition.

KEYWORDS: Machado de Assis; Intertextuality; Bible; Discourse; Religious Discourse

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar como o Discurso Religioso se organiza dentro do conto machadiano *A Igreja do Diabo* (1884), sendo apontando por meio desta análise as características específicas desse modelo de discurso e como o mesmo reflete perante o leitor, considerando o discurso pelo viés de Eni Orlandi, que o define como “palavra em movimento, prática de linguagem” (p.15), cabe considerar que os discursos elaborados tem função significativa para encaminhar aquele que o absorve para os fins pretendidos por aquele que o constrói. É nesta perspectiva que coube

apontar como o autor Machado de Assis utiliza de recursos do Discurso Religioso para compor seu conto – de modo a trazer suas significações para um meio comum ao leitor. Essa estratégia ocorre por meio da intertextualidade bíblica, em que se utiliza de textos e referências desta fonte – a Bíblia, para alusão de uma estória trivial. Além de analisar a maneira como os discursos se organizam e interagem entre si, cabe ressaltar a relação como o Discurso Religioso se apresenta na obra, analisando acerca da relação do homem com este discurso e como este mesmo homem reage diante do mesmo.

1 | REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Bíblia e Literatura

Para discutir a respeito de Bíblia e Literatura, apoiam-se principalmente na obra *Deus no Espelho das Palavras* (2009) escrito por Antônio Magalhães, nesta obra o autor discorre sobre o modo como literatura e bíblia dialogam.

A linguagem literária, além de interativa, incorpora em suas narrativas ideologias, que estão absorvidos dentro dos discursos construídos no texto. Neste sentido, que cabe considerar que toda palavra é estrategicamente escolhida de modo a conduzir o leitor a uma imersão, a uma ideia específica, que pode estar explicitamente apresentada no texto ou de maneira implícita. Portanto, todo discurso apresentado em uma narrativa está isento de neutralidade, uma vez que há uma intenção em sua formação. Consequente, algumas literaturas promovem este diálogo com a bíblia como uma espécie de mosaico de discursos que promovem um efeito de sentido sob o seu leitor, de reconhecimento cultural, visto que a Bíblia se caracteriza como um dos elementos do pensamento ocidental e por meio dela seus seguidores baseiam suas condutas, sendo considerada a obra sagrada da religião cristã, se mantém ‘moderna’ para seus fiéis ainda que através dos tempos. Magalhães justifica da seguinte maneira:

As narrativas bíblicas passaram a ser narrativas da cultura, os personagens bíblicos foram tingidos novamente como imaginário dos povos, as tramas que encontramos nos relatos da Bíblia passaram a ser imagens das tramas das memórias da religiosidade popular. Com isso, o Cristianismo só se tornou realmente literatura, e grande literatura, porque não ficou presa a interpretação do missionário, não ficou cativo, do mundo e dos interesses das Igrejas. (MAGALHÃES, 2009. p. 22)

Vê-se desta forma o Discurso Bíblico não apenas como uma ferramenta religiosa, mas como uma manifestação cultural que ganha forças a partir de sua propagação em meio às comunidades. Entretanto, cabe ressaltar que embora essas narrativas estivessem em constante contato com o homem, o uso das narrativas bíblicas não surgem de maneira neutra e imparcial, pois a religião e seus silogismos estão repletos de ideologias.

Ademais, a Bíblia está elaborada por meio de diversos livros classificados em gêneros diferenciados que formam apenas uma obra – que se divide em Novo

Testamento e Velho Testamento. Com ênfases principalmente no Novo Testamento, inúmeras parábolas, em que seus autores utilizavam os mesmos para promover a ideia central da narrativa de modo explicativo e simbólico aos leitores. Este recurso também é utilizado por outros escritores, pois a prática de trazer ao leitor uma realidade de seu cotidiano serve como ferramenta para aproximação deste leitor com a narrativa e seu entendimento seja claro. Segundo Harold Bloom “são os textos da literatura e da religião os que mais nos ajudam a compreender o Ocidente, mais até do que os filósofos e os historiadores” (apud MAGALHÃES, 2003, p. 116).

No entanto, é importante ressaltar que, a leitura da Bíblia não acontece apenas como uma prática vazia e sem intenções, mas como uma atitude de aproximação dos fiéis com sua religião e com Deus, Magalhães nos diz “normalmente, pessoas que leem a Bíblia somente com a visão teológica ou de suas confissões não se permitem reconhecer a variedade existente no texto bíblico”. (2003, p. 131) Do mesmo modo existem os escritores e críticos literários que ao ler uma obra dão ênfase na narrativa considerando apenas seus aspectos literários, ignorando quaisquer diálogos com os aspectos religiosos que dialogam com a obra. Embora, a literatura e Bíblia em diversas obras promovam em suas narrativas uma costura de sentidos, que tem uma intencionalidade de seu autor, a fim de contribuir com a absorção da filosofia nelas contidas, seja para a reflexão pessoal ou em formato de crítica social.

A literatura é a única possibilidade que o mundo tem de olhar para si. Na forma da literatura, o ser humano e a sociedade humana se colocaram um olhar com o qual eles mesmos se observam e respondem à pergunta pela qual a razão da existência da vida humana no mundo, e isto de forma monumental, repleto de sentido e de atribuição de significados. Enquanto o mito apresenta uma forma de modelação do mundo, é a literatura uma forma de mudança no mundo, de aquisição de mundos alternativos em mídia da ficção. É exatamente esta realidade alternativa que é o monoteísmo bíblico. (ASSMANN, 2005 apud MAGALHÃES, 2009, p. 136).

Cabe dizer ainda que os escritos bíblicos e literários se constituem por sua permissividade de manterem seus significados sempre atuais, livrando-se dos sentidos repetitivos, fato que permite que seus leitores possam ler e reler e absorverem novas compreensões.

1.2 O Gênero Literário Conto

O conto é um gênero literário, em que a narrativa não pode alongar-se demais, deste modo é importante que o escritor detenha - se apenas em pontos que contribuem para a história de maneira significativa, detendo-se apenas em fatores que convergem para o fim almejado. Moisés (1986, p, 26) define tal da seguinte maneira “o conto caracteriza-se por ser “objetivo”, atual: vai diretamente ao ponto, sem deter-se em pormenores secundários”. Entretanto, ainda que uma narrativa curta, é de fundamental importância que o autor não deixe nada inacabado na história, devendo fechar todos os pontos que descreve em sua obra, para que não haja possibilidade de uma incoerência futura aos olhos do leitor.

De modo geral, o conto ao longo dos tempos foi sofrendo alterações em sua estrutura. Luzia de Maria (2004) neste sentido, apresenta a ideia do conto, considerando-o como um texto fictício, de ação individual, na qual o escritor possui maior autonomia em seu processo de criação. É neste processo que o conto contemporâneo ganha formas, podendo ser escrito e classificado dentro dos gêneros de humor, mistério e terror, contos fantásticos, entre outros. A partir de então, o conto torna-se um texto acessível, onde sua mensagem é transmitida de modo conciso, na qual o leitor tem uma compreensão sem delongas daquilo que o autor propõe em sua narrativa.

Por conseguinte, a linguagem literária, além de interativa, incorpora em suas narrativas ideologias, que estão absorvidos dentro dos discursos construídos no texto. É neste sentido, que cabe considerar que toda palavra é estrategicamente escolhida de modo a conduzir o leitor a uma imersão em uma ideia específica, que pode estar explicitamente apresentada no texto ou de maneira implícita. Portanto, todo discurso apresentado em uma narrativa, inclusive nos contos, sejam estes atuais ou antigos, estão isentos de neutralidade, uma vez que há uma intenção em sua formação. Bakhtin (1981, p, 115) discute o modo como o discurso literário é capaz de transmitir essas ideologias de maneira mais sutil, visto que há uma liberdade do autor no uso de suas palavras.

1.3 A Análise do Discurso

A fim de compreender melhor acerca da maneira como os discursos estão incutidos dentro dos textos literários. É necessário que se defina a princípio o que é o discurso e o modo como o mesmo é construído, bem como suas características específicas. Para tal, cabe considerar inicialmente os conceitos desenvolvidos por Eni Orlandi, onde salienta que “a análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso” (ORLANDI, 2003, p.15). Isto posto, compreende-se que o discurso não trata apenas da língua, mas está inserido em outras áreas de conhecimento. É a partir de então que, será analisado o discurso, em sua construção de sentidos e as ideologias nele embutido para que se possa perceber a relação entre seus locutores e suas construções ideológicas.

Outro aspecto a ser considerado na Análise do Discurso é sua condição de produção, ou seja, as condições na qual o discurso foi construído e o sujeito que o constrói. Para tal, Orlandi argumenta “o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro”. (ORLANDI, 2003, p.43) Através de tal, observamos como o ele - o discurso está inserido em um processo de formação sócio histórico e ideológico, a fim de provocar em seu receptor os efeitos pretendidos com o mesmo, e atrelado ao processo de construção, a análise do discurso considera a tipologia deste

mesmo discurso, considerando que ela seja fundamental para a compreensão de sua função argumentativa.

De acordo com Citelli (1995), são de suma importância que se compreenda os signos inseridos dentro de um discurso para que se perceba sua natureza, uma vez que

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo o corpo físico, instrumento de produção de consumo, mas, ao contrário deste, ele também reflete e retrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (1995 CITELLI *apud* BAKHTIN, 1979, p. 27).

Orlandi ainda diz, “toda análise supõe uma tipologia” (1983, p. 209). Todos estes discursos possuem sua construção de sentido se apoiando nas condições de sua produção, para tal, cabe considerar que

As formações são imaginárias, e nessas formações contam a relação de força (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a relação de sentido (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros) e a antecipação (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa). (ORLANDI *apud* PÊCHEUX, 1983, p. 146).

Deste modo, perceber a tipologia do discurso fará com que seu analista observe de um modo específico as características e a natureza do texto, pois cada tipologia carrega consigo traços específicos. Ao considerar que todo discurso é uma formação ideológica e neste sentido a toda formação discursiva engloba doutrinas, metodologia e texto, que em dado contexto se manifesta como uma ocorrência social. Neste sentido, todo discurso incorpora, em seus signos e linguagem, uma ideologia, visto que a língua e seus signos são parte de uma natureza social. Como afirma Bakhtin (2014), “todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua”. (BAKHTIN, 2014, p. 15)

Para mais, Orlandi (1983) destaca o modo como os discursos estão organizados, sendo estes o discurso lúdico, o discurso polêmico e o discurso autoritário, salientando que “em geral, que esses tipos de discursos, **tais o lúdico, o polêmico e o autoritário**, não têm que existir necessariamente de forma pura. Há mistura de tipos e, além disso, há um jogo de dominância entre eles que deve ser observado em cada prática discursiva”. (ORLANDI, 1983. p. 144, grifo meu)

Dentro da tipologia do discurso autoritário há o Discurso Religioso - tipologia a qual será analisada nesta pesquisa - que por sua vez carrega uma série de marcas e traços, onde estão organizadas suas formações discursivas e ideológicas. Atentando-se para as relações dialógicas e polissêmicas apresentadas no texto literário *A Igreja do Diabo (1884)*, bem como os sentidos construídos, a intertextualidade e as críticas promovidas pelo autor Machado de Assis.

1.4 O Discurso Religioso

A princípio, cabe dizer que no Discurso Religioso há uma inter-relação entre Deus e o homem. Na qual, Orlandi esclarece o Discurso Religioso “como aquele em que fala a voz de Deus” (1986, p, 218).

Para Citelli (1995), o Discurso Religioso é uma das formações discursivas mais explicitamente persuasivas, na qual pode inclusive ser categorizado como dogmático, por sua grande força, uma vez que é considerável inquestionável. A autora ainda lista uma série de marcas que caracterizam o discurso religioso, sendo o uso do imperativo, o vocativo subjacente, a função emotiva, o uso de metáforas, o uso de parábolas e o uso de chavões. Ademais, no Discurso Religioso ainda existem uma série de marcas e propriedades que o tornam único -, são estas marcas as, antíteses, o imperativo e as performances contidas nesses textos. São estas marcas que compõem a força contida no discurso a ser analisado.

Uma das marcas propostas por Eni Orlandi é de suma importância para a análise do Discurso Religioso trata-se da noção de não reversibilidade. Uma vez que, a reversibilidade, ocorre na interação entre os interlocutores, como a troca de papéis onde o discurso se constitui. No caso do Discurso Religioso, esta interação acontece entre locutor – que é aquele que possui autoridade e fala em nome de Deus e entre o ouvinte. Entretanto, Orlandi alerta que, nestas condições de relação entre locutor e ouvinte, não ocorre reversibilidade, uma vez que entre estas duas posições de relação não há dinâmicas. Desse modo, é empregado o termo, ilusão de reversibilidade. Essa ilusão ocorre por intermédio da tentativa do homem em relacionar-se com o Deus, tendo em vista que o sujeito que fala em nome de Deus, o representa.

Sobre a condição de relação entre o sujeito e seus ouvintes, Orlandi salienta: “Deus define-se a si mesmo como Sujeito por excelência, aquele que é por si e para si (Sou Aquele que É) e aquele que interpela seu sujeito” (ORLANDI, 1983 apud ALTHUSSER, 1974; p. 216). É neste sentido que é Deus o principal sujeito e os ouvintes são apenas interlocutores interpelados, em sentido de assujeitamento em relação ao sujeito.

Citelli ainda afirma que

No discurso dos homens se abre a possibilidade de ocorrer uma reversão no processo comunicativo (emissores e receptores podem interagir), no Discurso Religioso tal procedimento se torna impossível. Interagir com que? Com Deus? Sabemos, no entanto que isso é impossível, porém ficamos com a “ilusão” do reversível, dado que os representantes de Deus na Terra parecem falar por ele. (CITELLI, 1995. p. 48-49)

Outra marca textual de grande importância dentro do Discurso Religioso é a intertextualidade, na qual dentro do conto *A Igreja do Diabo (1884)* traz a Bíblia como principal fonte. É por meio da referência bíblica que o autor promove as reflexões de seu leitor. Citelli (1995), explica que o processamento cognitivo do leitor ocorre a partir do conhecimento prévio de outros textos. O que Orlandi (1942, p, 31), menciona

como interdiscurso, descrevendo “como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente”.

Sendo assim, a formação textual não está fechada em si mesma, mas pode relacionar-se com outros textos, tanto os referenciando, quanto direcionando a ele. Para Orlandi a intertextualidade apresenta-se em dois aspectos:

Primeiro, porque se pode relacionar um texto com outros nos quais ele nasce e os outros para os quais ele aponta; segundo, porque pode se relacionar com suas paráfrases (seus fantasmas), pois sempre pode referir um texto ao conjunto de textos possíveis naquelas condições de produção. (ORLANDI, 1983. p. 148)

A intertextualidade em si, trata-se da absorção e de um discurso outrora citado quando utilizado em outro local, podendo ser de modo explícito ou implícito. Kristeva (1969) esclarece que “a palavra literária não é um ponto, um sentido fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais”.

1.5 O Sagrado

Rudolph Otto (2007), que discute a relação do homem com o Sujeito – apresentado como *numinoso* – termo apresentado pelo autor para se referir ao sagrado quando afirma: “o Sagrado é a designação para a experiência do *numinoso*”, que em cada religião acontece de maneiras distintas. Este processo de experiências com o *numinoso* pode ocorrer de diversas maneiras, sendo manifestadas através de processos racionais e irracionais do homem.

De maneira racional, a constituição dos aspectos que caracterizam essa relação ocorre por meio dos atributos racionais do homem, seja a razão, à vontade, e a intenção do homem em relacionar-se com o sagrado, reconhecendo a posição limitada do seu ser. É neste sentido que, Otto esclarece que o racional está ligado a tudo aquilo que pode ser pensado e conceituado, podendo ser constituído por meio da linguagem, que é o principal meio de disseminar conceitos. Considerando o aspecto racional com o que é dizível. Para tal, Otto (2007; p. 97) salienta: “Por “racional” na ideia do divino entendemos aquilo que nela pode ser formulado com clareza, compreendido com conceitos familiares definíveis”.

Por outro lado, o aspecto irracional que constitui a experiência entre o homem e o sagrado, está diretamente ligado a um impulso, que está além da razão, acessível através dos sentimentos do homem, além de suas noções inteligíveis. “O irracional é a verdade nua e crua; diante da razão, o espírito, frente ao necessário, o acidental; face ao derivável, o meramente fortuito, diante do transcendental, o psicológico”. (OTTO, 2007, p. 97) Como meio de experimentação do sagrado, o autor ainda discorre sobre outros aspectos que dão forma ao irracional. Para isso, categoriza estes aspectos - como o *mysterium tremendum* que está relacionado ao sentimento arrepiante ou, seu ao estremecimento com o *numinoso*. Outro aspecto é, o aspecto avassalador (“*majestas*”), proveniente do latim majestade. Este sentimento está condicionado à sensação de criatura, de prostração diante do *numinoso*, diante da majestade divina.

A *orgé*, ou a energia do *numinoso*, neste aspecto, são apontados os sentimentos de vivacidade, paixão, vontade e comoção. O mistério ou “*mysterium*”, (o totalmente outro), é analisado relacionados com a incompreensão daquilo que está em oculto, o que não se pode ver, que não pode ser visto, aquilo que é surpresa ao homem/criatura. Diferentemente dos aspectos até aqui mencionados, temos um aspecto que possui uma ação atraente, cativante, o aspecto fascinante, que se manifesta através da devoção individual do homem para como sagrado. E assombroso é o último aspecto apresentado por Otto, caracterizando-o como algo inquietantemente misterioso, um sentimento aterrador e até mesmo monstruoso, excedendo a capacidade da imaginação humana. São as manifestações desses aspectos que resumem irracionalmente as experiências do homem com o sagrado.

2 | ANÁLISE

2.1 Machado de Assis

Um dos maiores contistas brasileiros, Machado foi criador de uma enorme quantidade de contos. A escrita machadiana é característica por sua imensa quantidade de ironias finas e de bom humor, é com essas ferramentas que o escritor promovia críticas sociais. Cândido (1995. p. 20) ressalta que Machado de Assis como um autor “enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias “que todos podiam ler””. Sua sensibilidade fazia com que suas observações fossem repletas de metáforas, metonímias que empregadas nas suas obras produziam um sentido polissêmico, mas que era apazível aos seus leitores. E servindo-se destes meios, de modo a expor considerações acerca da filosofia, religião, entre outras ideologias difundidas na segunda metade do século XIX e início do século XX utilizadas como mecanismos de estrutura da sociedade. Cândido (1995. p. 24) destaca ainda que ler Machado é uma tarefa que deveria ser feita não apenas com os olhos convencionais, nem mesmo com um raciocínio acadêmico engessado, mas um olhar atento aos traços singulares, além das marcas dos comportamentos individuais de cada um deles. Além do mais

Muitos de seus contos e alguns de seus romances parecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura, como ocorre entre os nossos contemporâneos. E o mais picante é o estilo guinado e algo precioso com que trabalha e que se de um lado pode parecer academismo, de outro sem dúvida parece ser uma forma sutil de negaceio, como se o narrador estivesse rindo um pouco do leitor. Estilo que mantém uma espécie de imparcialidade, que é a marca pessoal de Machado, fazendo parecer duplamente intensos os casos estranhos que apresente com moderação despreocupada. (CÂNDIDO. 1995. p. 26-27)

Gledson (1991, p 146 - 147) argumenta que Machado de Assis questiona os grandes sistemas otimistas utilizando de suas sátiras, e isso inclui questionar também o cristianismo em alguns de seus aspectos. Considerando o cristianismo como uma

das práticas que promove uma ideologia repleta de doutrinas de origens idealistas, onde há a propagação de conceitos sobre moralidade, fé e boas ações.

Assim sendo, fica clara a presença nos textos literários machadianos a presença de uma forte evidência do Discurso Religioso, tanto em seus romances, como em seus contos. Assim, o conto *A Igreja do Diabo*, como fica explícito de antemão ao leitor, trata-se de uma narrativa que traz uma referência bíblica, segundo a religião judaico cristã. Onde o autor por meio da estória promove uma discussão e posteriormente uma reflexão sobre a humanidade em suas relações com a estrutura institucional igreja, sendo ela a igreja de Deus ou a igreja do diabo - cada uma dessas conforme suas características específicas.

2.2 A Igreja do Diabo: o conto

O conto machadiano *A Igreja do Diabo*, publicado pela primeira vez na obra *Histórias sem data* em 1884, está dividido em quatro capítulos. A narrativa discorre sobre a ideia do diabo sobre fundar sua própria igreja e por meio dela estabelecer sua religião na terra, de modo que todos aqueles homens que se identificassem com suas ações, pudessem ligar-se a igreja.

Deste modo, trataremos nas próximas sessões sobre cada um desses capítulos discutindo a maneira como o autor Machado de Assis denota em sua obra pontos acerca da religiosidade e da relação do homem com tal qual. Associando os trechos analisados com o referencial teórico apontado nas sessões anteriores.

2.2.1 Uma Ideia Mirífica

Inicialmente, no capítulo, intitulado por *Uma Ideia Mirífica*, o autor discorre a respeito do diabo a partir do momento em que, cansado de sua desorganização, tem a ideia de fundar uma igreja. Após questionar-se sobre o porquê de não ter sua própria religião. Uma vez que, havendo ele sua própria, esta seria constituída por suas próprias doutrinas, rituais, regras, cânones, além de outros predicados.

Afinal, a igreja de Deus, sendo uma instituição organizada, comporta de todos esses atributos e outros mais, enquanto o diabo em sua posição de inimigo de Deus não possuía nenhuma tarefa organizada, tendo seu trabalho na terra de maneira avulsa e, embora suas malfetorias o dessem resultados eficazes, este fato não completava a satisfação do mesmo. Machado de Assis retrata claramente acerca destes sentimentos quando descreve:

Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez. (ASSIS, 1884. p. 02)

Isto posto, nota-se de maneira clara que além da insatisfação do diabo. Sua ideia espantosa, além de possuir um teor organizacional, seriam também uma maneira de combater as demais religiões, já que sua religião seria única. No entanto, utiliza de aspectos elementares da religião judaico-cristã como modelo para a formação de sua edificação, ao citar:

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. (ASSIS, 1884. p.02)

Daí, a comparação com a tenda de Abraão como modelo de local específico para a realização de seus cultos, haja vista que no antigo testamento do livro bíblico de Gênesis, Abraão ergueu um local próprio e o estabeleceu como de altar a Deus, após ser direcionado pelo próprio Deus.

E apareceu o Senhor a Abrão, e disse: À tua semente darei esta terra. E edificou ali um altar ao Senhor, que lhe aparecera. E moveu-se dali para à montanha banda do oriente de Betel e armou a sua tenda, tendo Betel ao ocidente e Ai ao oriente; e edificou ali um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor. (GÊNESIS, 12: 7-8)

Observa-se que há uma tentativa do Diabo de imitar personagens bíblicos que estabeleceram um modelo de culto, ou seja, um lugar especial para adoração. Do mesmo modo ele deseja copiar a situação com a intenção de organizar a sua própria igreja e ter o prestígio do Deus de Abraão.

Neste capítulo é notável a maneira como o Machado promove um diálogo entre a bíblia em seu conto. Ao citar personagens como Abraão, que por sua vez é um dos ícones mais populares no cristianismo, o leitor facilmente tem a possibilidade de criar referência sobre a dimensão da projeção feita pelo diabo sobre sua façanha. Nota-se, portanto a variedade de similaridades entre os textos, é desta forma pode-se apontar o aspecto da intertextualidade dentro do conto machadiano. Segundo Kristeva (apud KOCH, 1997. p, 48) a construção de todo texto se faz por meio de um agrupamento de outros textos, podendo ser apresentados de maneira implícitas ou explícitas, segundo cada autor.

Consoante a tal, fica marcado que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. (BAKHTIN 2014. p.99)

Ainda sob a perspectiva bakhtiana, é possível verificar a aparição de diálogo entre textos. Enquanto Machado de Assis utiliza de referências bíblicas a fim de criar um cenário referencial para seu leitor, o mesmo propõe uma pluralidade de sentidos e reflexos a serem assimilados. É neste sentido que, podemos tratar do dialogismo como uma ferramenta de multifuncionalidade dentro de um texto. Atraindo o leitor a um horizonte sem limitação, provocando-o a uma reflexão mais profunda, visto que, cada palavra e discurso construído abrem-se para muitas outras direções.

2.2.2 Entre Deus e o Diabo

No segundo capítulo do conto, o autor discorre sobre a conversa entre Deus e o diabo, a respeito de sua nova ideia. Em '*Entre Deus e o diabo*', percebe-se uma relação dialógica de interação. Visto que, no diálogo entre os dois personagens, o diabo apresenta suas idealizações, como também sua visão acerca da humanidade futura e sua salvação, já que em sua mirífica ideia, os seres humanos se renderiam a sua religião, abandonando os preceitos cristãos.

Logo no início do capítulo o autor traz um ponto que merece uma grande atenção para que se compreenda a relação entre Deus e o diabo no conto. Ao expor, "Deus recolhia um ancião, **quando o Diabo chegou ao céu**. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, **detiveram-no logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor**". (ASSIS 1884. p. 03) Destacado o enunciado, torna-se possível notar que embora o diabo tenha ido ao encontro de Deus para anunciar sua nova ideia, ao chegar ao céu, onde se estabelece o domínio de Deus, que sua presença provoca uma reação negativa e com isso o mesmo mantém-se à porta de entrada, apenas observando até que Deus se dirija a ele.

O diabo aparece pela primeira vez na bíblia no livro de Gênesis 3, intitulado como *O Primeiro Pecado*, sendo descrito em forma de uma serpente, que é apresentada como o tentador - aquele que motiva Eva a comer o fruto da árvore proibida, para que ela obtivesse o mesmo conhecimento que Deus possuía, rejeitando desta maneira a ordem que Deus havia lhe dado sobre não comer da árvore.

Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?

Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrerei. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. (GÊNESIS, 3: 1-5)

No entanto a imagem do diabo ainda não é muito clara neste capítulo, nem mesmo citado diretamente como o próprio diabo. Há apenas uma construção mais integral desta imagem em outros livros do Velho Testamento e Novo Testamento, onde são relatados outros atributos do diabo. No Velho Testamento fica marcado

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo. (ISAÍAS 14: 12-15)

Já, no livro de Ezequiel o diabo é apresentado da seguinte maneira

Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobriam: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a

esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados. Tu eras querubim da guarda unguído, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu esplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemples. (EZEQUIEL 28:13-17)

Em ambas as passagens bíblicas – situadas no Velho Testamento, nota-se que o diabo é apresentado um rebelde, que foi expulso do céu, no entanto, seu nome não é referido. Mas, é representado por algumas metáforas e símbolos daquilo que são se sua natureza. Inicialmente, o próprio diabo, que era um dos anjos criados por Deus, mas que por deixar-se ser dominado pela inveja e desejo de possuir a mesma honra de seu criador, corrompe-se. Sendo após isso destituído de sua função e expulso do céu. Neste ponto, o diabo – que antes era um anjo, torna-se inimigo de Deus.

No conto machadiano, percebe-se que a ideia mirífica do diabo, como já comentada na seção anterior, tem como objetivo transpassar a igreja de Deus, a fim não apenas de constituir sua religião, mas também atingir ao próprio Deus. No livro de (1 PEDRO 5:8), seu autor alerta sobre o intuito do Diabo, dizendo “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar;”.

Construída então, a imagem do diabo e sua relação com Deus, fica compreensível a ordem de relação entre os dois personagens dentro da narrativa, bem como explicada a reação dos serafins no momento em que o diabo se encontra na entrada do reino de Deus.

2.2.3 A Boa Nova aos Homens

Cabe então ao Diabo anunciar aos homens sua grande novidade. No conto, Machado de Assis descreve este acontecimento da seguinte forma:

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cógula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século e prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, toda a glória, os deleites mais íntimos. (ASSIS, p. 04)

Analisando a atitude do personagem, fica notável trazer o momento bíblico em que o Diabo prometeu a Jesus as mesmas alegrias terrenas. No livro de Mateus, capítulo 4, verso 8 “Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”. Ainda neste capítulo, subvertendo a ideia criada entre os homens sobre quem este era – o Diabo, o mesmo se apresenta valorizando suas próprias características, tais como, gentil, gênio, único e verdadeiro. Fato que entra em desacordo com a imagem

criada dele pela bíblia – discorrido na sessão anterior. Observando o modo como personagem se apresenta ao homem, percebe-se um intuito de chamar a atenção a si próprio, elevando sua grandeza e atributos, a fim de causar um sentimento de desejo e prostração diante daquele que pode ofertar tais coisas. Rudolph Otto discorre acerca de atributos do sagrado, apontando diversas sensações que o homem desenvolve racionalmente ou irracionalmente diante dessa manifestação.

Neste capítulo, o Diabo ao vangloriar a si próprio promove impressões aos seus ouvintes ilustrando aspectos como o *majestas*, que gera a sensação prostração diante dele, colocando-se no lugar de majestade, a *orgé*, onde se manifesta a sua vontade de conquistar as pessoas, que são motivadas pelo sentimento de comoção do sagrado – que se personifica falsamente pelo Diabo. Além disso, aspectos fascinante que por sua vez, caracteriza-se por sua atividade de atração individual do homem sobre o sagrado. Atraídas então, as pessoas a religião diabólica, seu executor passa então a estabelecer as doutrinas de sua instituição, doutrinas estas que se configuram como opostas virtudes já existentes, tais como: solidariedade, generosidade, respeito e o amor ao próximo, substituindo essas virtudes por práticas que até então soavam como um desvio de caráter humano, além da naturalização de ações consideradas pela doutrina bíblica como pecados capitais, manifestos como soberba, luxúria, avareza, ira, inveja, gula e preguiça.

Interessa destacar os chamados pecados capitais (etimologicamente, o vocábulo vem do latim - “caput”, cabeça - e refere-se a faltas graves, que merecem a pena de morte, capital). Como consequência natural do pecado original, eles são fruto da desordem das paixões e dos instintos e representam as principais direções em que se produz a inclinação para o mal. (SAMPAIO, 1997)

Sampaio, ainda discute acerca da maneira como os pecados são representados nas literaturas religiosas destacando que este – o pecado, pode ser caracterizado como algo “horrível”, “atroz”, “atrocíssimo”, “pestífero”, “detestável”, “muito grave”, “horrendo”, “nefando”, “abominável”, bem como repetidas referências a “revolta contra o Criador”, “desprezo da bondade de Deus”, “deformidade e malícia”, etc.” (SAMPAIO, 1997, p. 57). Deste modo, o pecado segundo a cultura cristã e os ensinamentos da Igreja desencadeava em seus seguidores o sentimento de medo, pois a prática dos mesmos os afastaria do sagrado e conseqüente a isso, Deus e os excluíam do plano divino da salvação. Pedroso salienta que “na Idade Média, do Renascimento até parte do século XVIII, no auge da Modernidade Histórica, o medo era utilizado como instrumento central para causar obediência” (ROCHA PEDROSO, 2003, p. 155). Conforme isso, cabe ressaltar que o medo de cometer os pecados garantia não apenas o seguimento das doutrinas na Igreja, mas também a obediência a monarquia, visto que na época Igreja e Estado estavam vinculados.

No conto, a naturalização destes pecados – agora transformados em virtudes poderiam ser praticados livremente pelos fiéis, sem que houvesse o peso da culpa sob os homens. E de modo invertido os homens não poderiam praticar as virtudes

estabelecidas pela Igreja, pois essas virtudes estão em desacordo com a doutrina da Igreja do Diabo.

2.2.4 “Franjas e Franjas”

Passado tempo, a Igreja do Diabo crescia em numero de fieis e praticantes de suas novas virtudes, propagando-se de modo que em todo o mundo já se conhecia sobre suas feitorias e religião. No entanto, para sua infelicidade, alguns de seus fieis passaram a subvertes suas doutrinas, praticando então o contrário daquilo que era proposto.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, tremulo de raiva. Ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu- o com infinita complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer daquela agonia satânica. - Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana. (ASSIS, p. 07)

Com tal descoberta à tona, o personagem enfurecido volta ao reino de Deus em busca de respostas para o acontecido, que se apresenta pacificamente, de modo semelhante ao momento em que o Diabo vai lhe informar sobre sua ideia. E é nesta mesma posição que manifesta sua resposta de maneira sábia, como quem possui o conhecimento acerca dos homens de sobre aquilo que eles praticam. Nesse instante a fala do personagem Deus **“Que queres tu? É a eterna contradição humana”**, na qual o conto se encerra. Assim sendo, fica explícito o modo como à natureza humana se configura, tal qual, como em busca do oposto as leis sob as quais são estimulados a seguirem.

Esse comportamento contraditório do homem aparece na obra então, como uma espécie de crítica do autor, que sutilmente promove a ironia em seu discurso de forma trágica, ao mesmo tempo em que coloca a igreja como uma fonte de dogmas e liturgias que de certo modo promove o controle do homem, privando-o de suas vontades espontâneas sob a prerrogativa de representar e falar em nome do sagrado.

Skinner (2003), ao discutir acerca do comportamento humano analisando- o em diversas áreas também evidencia sobre o modo como a Igreja interfere neste comportamento, considerando esta como uma agência controladora, agência esta que vem classificar o comportamento, “não simplesmente como “bom” e “mau”, “legal” e “ilegal”, mas como “moral” e “imoral” ou “virtuoso” e “pecaminoso”. É então reforçado ou punido de acordo”. (SKINNER, 2003, p.384). Deste modo, a contradição humana encarrega-se de subvertê-lo a praticar exatamente o contrário daquilo que lhe é instituído como ordem. Daí a atitude do homem em desviarem das doutrinas da Igreja do Diabo e praticarem exatamente as doutrinas que a Igreja de Deus os sugeria seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da execução desta pesquisa foi possível observar como o diálogo entre Bíblia e Literatura ocorre na obra machadiana e como por meio dos recursos linguísticos o autor recorre ao cânone religioso a fim de promover reflexões aos seus leitores. Cabe ainda apontar que Machado de Assis tem suas obras marcadas de ironias e humor satírico, são estes traços marcantes por meio do qual se configura a originalidade de suas obras. No conto *A Igreja do Diabo* (1884), foi possível observar a presença das marcas do Discurso Religioso por meios das características linguísticas presentes no mesmo, tais como, metáforas, o uso do imperativo e chavões, mas principalmente o uso da intertextualidade, que promoveu uma interação entre o conto e os escritos bíblicos.

Assim a literatura não atua apenas no campo imaginário, mas se manifesta como um instrumento social cultural que se absorve e transcende a vida do homem e em diálogo com a Bíblia ganha força em sua arte significativa, como Magalhães esclarece:

Existe uma arte da significação nos textos bíblicos, de forma tal que a história pode ser ouvida e lida diversas vezes, suas falas rememoram e incomodam, seus silêncios e suas frases evocam a reescritura e o reencontrar. A arte da significação e a arte da abstração estão juntas e tornam o leitor/ouvinte alguém em profundo processo de reescrever, recontar e rememorar, ao mesmo tempo que o projetam para novas leituras. A arte da significação evoca a interpretação ininterrupta. (MAGALHÃES, 2009. P. 138)

Cabe ressaltar como a presença do Discurso Religioso de manifesta nas obras do autor Machado de Assis fortemente e que o uso deste artifício do autor gera uma aproximação entre o universo conhecido de seu leitor e faz com que haja um sentimento de reconhecimento de sua realidade nas narrativas, promovendo reflexões sobre o homem em seu caráter tanto individual como em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: Nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. 7ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ASSIS, Machado de. **Volume de contos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1884.

BAKHTIN, M. M. **Dialogismo e construção do sentido**. Campinas (SP): UNICAMP, Faculdade de Educação, 1997.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2º ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CANDIDO. Antônio. **Vários escritores**. 3ª. ed. Revê amp. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

- CARVALHO, Vinícius Mariano de. **Religião e Literatura**: suas inter-relações possíveis a partir da obra de Mario Quintana. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001.
- CASTRO, Selma. **O discurso profético: Ressacralização do espaço social**. In ORLANDI, Eni. Palavra, fé, poder. Campinas: Pontes, 1987, p. 29-41.
- CITELLI, Adilson. . Linguagem e Persuasão. 5. ed São Paulo: Ática, 1980.
- CHMIELEWSKI, Andrielton Mussi. ORSO, **Alceu. A Fé em Abraão**. Caderno Teológico da PUCPR. Curitiba, V.1, N.1, P.36-52, 2013.
- CONCEIÇÃO, Douglas Rodrigues da. **Aspectos religiosos na literatura de Machado de Assis**. Plural Pluriel – Uma revisão das culturas de língua portuguesa. Universidade Paris Nanterre. No. 15: religião e artes. 2016.
- CROATO, José Severino, **As Linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: Uma cidade sitiada**. Tradução Maria Lucia Machado ; Tradução de notas Heloísa Jahn. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILLMANN, Mauro. **Os sete pecados capitais e os processos de culpabilização em manuais de devoção do século XVIII**. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 14, n. 27, p. 285-317, Dec. 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2013000200285&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014027004>.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo; uma reinterpretação de Dom Casmurro**. Tradução por Fernando Py. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10º ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Debates, 1969.
- MACEDO, Bispo Edir. **A fé de Abraão**. Rio de Janeiro: Universal, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza -e- Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras**: Teologia e Literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MARIA, Luzia de. **O que é conto. Coleção primeiros passos**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MATTOS, Maria Augusta Bastos de. **A fala dos santinhos: pedido, conversão e evangelização**. In ORLANDI, Eni. Palavra, fé, poder. Campinas: Pontes, 1987, p. 29-41.
- MEC MACHADO DE ASSIS: **Vida e Obra**. Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/#cronologia/>> acessado em: 20 de novembro de 2017.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrhã dos Santos. **Carnavalização em Machado de Assis: o conto Entre Santos**. Línguas e Letras. Vol. 9 n° 17. 2° Sem. Segunda parte: Estudos Literários. 2008. pp. 209-222.

ORLANDI, Eni P. **A Análise do Discurso**. Campinas – SP; Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni P. **A Linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: um estudo do elemento não racional na ideia do divino e a sua relação com o racional**. [Traduzido por] Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROCHA PEDROSO, Paulo Roberto. Resenha de: **O Pecado e o medo: A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18) de Jean Delumenau** - EccoS Revista Científica, vol. 5, núm. 2, dezembro, 2003. Universidade Nove de Julho. São Paulo. 2003.

SAMPAIO, Manuel dos Anjos Lopes. **O Pecado: Nas constituições Sinodais Portuguesas da Época Moderna**. Dissertação de Mestrado em História da Cultura Portuguesa – Época Moderna – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 1997.

SKINNER, Burrhus Fredcric. **Ciência e Comportamento Humano**. [Traduzido por] João Carlos Todorov, Rodolfo Azzi. Martins Fontes. São Paulo, 2003. - (Coleção Biblioteca Universal)

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. **Que significa literatura contemporânea?** In: _____. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 9-51.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-378-1

